



Corpo, cultura e saúde

Body, culture and health

Entrevistado: Francisco Romão Ferreira¹

Entrevista conduzida por Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho²

¹ Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. LITEB - Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos.
E-mail: fromao@terra.com.br

² Doutora, Professora visitante da Nutrição Social e do NECTAR (Núcleo de Estudos sobre Cultura Alimentar), do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
E-mail: mariaclaudiaveigasoaes@yahoo.com.br

³ Tese de doutorado em Saúde Pública, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, em março de 2006, sob a orientação do Professor Doutor Luis David Castiel.

⁴ Doutora Tânia C. de Araújo-Jorge. Diretora do Instituto Oswaldo Cruz-FIOCRUZ, Rio de Janeiro, RJ.

Francisco Romão Ferreira é sociólogo, mestre em História da Arte, doutor em Ciências. Atualmente trabalha como pesquisador visitante no Instituto Oswaldo Cruz / FIOCRUZ e é um dos coordenadores do Curso de Especialização em Ciência, Arte e Cultura na Saúde. Nesta entrevista conversamos com ele sobre sua tese³ de doutorado, intitulada *Os sentidos do corpo: cirurgias estéticas, discurso médico e saúde pública*.

Ceres - O que te motivou a trabalhar com cirurgias plásticas?

Francisco - O interesse não era necessariamente trabalhar com as cirurgias plásticas. O que eu queria estudar era a construção da subjetividade acerca do corpo. Queria entender melhor como se dá essa construção de sentidos, e as cirurgias serviram como objeto de estudo, mas poderia ter estudado a anorexia, a obsessão com a forma física ou as marcas corporais, tatuagens ou *piercings*.

A cirurgia é o sonho de consumo de muitas pessoas em diferentes classes sociais, e me chamava a atenção a forma como um procedimento cirúrgico complexo era tratado de forma banal, tanto pelo público leigo como por alguns profissionais de saúde e pela mídia. No senso comum, a cirurgia plástica representa um procedimento rápido, simples, sem riscos e sem traumas.

Ceres - Quando você começou a pensar sobre a questão do corpo e da medicina estética?

Francisco - Eu tinha feito uma pesquisa no mestrado sobre a obra da Lygia Clark, que é uma artista que reúne aspectos da psicanálise, da arte contemporânea e do existencialismo. A Lygia transita nessa fronteira entre diferentes campos disciplinares e algumas de suas obras artísticas falam da “nostalgia do corpo” e são atravessadas por questões psicanalíticas e existenciais.

Esses trabalhos foram feitos nos anos 60/70 e me chamou a atenção a forma como o corpo, naquela época, era tratado em diferentes campos. Foram anos muito interessantes e o corpo estava no meio das discussões; na verdade, ele era o motivo principal das discussões, seja na contracultura, na psicanálise ou nas terapias pós-reicheanas. O corpo também se transformou no suporte da obra de arte (na *body art*), e estava no centro das discussões acerca da liberdade e da contestação dos valores morais e nas

discussões acerca do biopoder e do controle disciplinar dos corpos.

Após estudar a produção de sentidos sobre o corpo nos anos 1960/ 1970, bateu uma curiosidade de compreender que sentidos estavam sendo produzidos no início dos anos 2000. Daí o interesse em utilizar as cirurgias plásticas como objeto de estudo.

Ceres - Pode falar um pouco sobre a metodologia?

Francisco - No início fiz uma série de entrevistas com mulheres que fizeram cirurgias estéticas e com alguns cirurgiões plásticos, mas as entrevistas apenas reproduziam o senso comum e ficavam na superfície do problema. Optei então por analisar a fala dos cirurgiões plásticos, pois eles são os principais atores do campo – na verdade, eles mandam no campo. Comecei então a analisar os enunciados do *site* da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, pois ele é o órgão mais representativo do setor, faz a formação dos cirurgiões e tem poder de legitimar, ou seja, de determinar quem pode e quem não pode fazer as cirurgias.

Metodologicamente falando, optei pelo método da “análise do discurso”, seguindo linha da Eni Orlandi, analisando os enunciados do *site* da SBPCP. A fala é muito rica de sentidos e me possibilitou um bom material de discussão.

Como referenciais teóricos principais, optei por uma análise do campo da

medicina estética a partir dos conceitos de “campo” e *habitus* e “capital simbólico” de Pierre Bourdieu, e da análise acerca do biopoder e das relações de poder nas instituições a partir da obra de Michel Foucault.

Ceres - Com relação à autonomia na seleção dessas intervenções, quais os interesses em jogo? Quem é escravo de quem?

Francisco - Somos todos “escravos” dos valores produzidos na nossa cultura. Queira você ou não, convivemos com os valores sociais dominantes e com padrões de beleza estereotipados. Podemos concordar ou não com esses valores, mas basta ligar a TV ou abrir uma revista especializada em “saúde” para encontrar esses sentidos sendo produzidos. Ou seja, precisamos compreender esses sentidos que estão sendo produzidos, nem que seja para contestá-los...

Ficou claro para mim que os interesses do mercado, a mercantilização da medicina, a crise dos valores morais na nossa sociedade, a forma mecanicista e imediatista como o corpo é visto são fatores que estão interligados e devem ser discutidos pelos profissionais do campo da saúde.

Ceres - Qual o ponto em comum entre o imaginário que leva as mulheres a buscarem uma forma mais desejada e o desenvolvimento das técnicas cirúrgicas?

Francisco - São vários pontos que convergem para a banalização dos procedimentos cirúrgicos e para a percepção do corpo como objeto de consumo. É uma mistura de narcisismo, consumismo e hedonismo (que são características marcantes da nossa sociedade). De um lado, consumidoras ávidas por novos produtos e que percebem o próprio corpo como um objeto a ser modificado; do outro, uma indústria que promete a metamorfose corporal de forma rápida, indolor e com o pagamento facilitado.

Talvez esse ponto comum seja o deus mercado... Pois ele não se restringe a produzir relações econômicas, ele também produz valores morais, éticos, estéticos e políticos...

Ceres - A universidade, enquanto instituição de ensino, pesquisa e extensão, reforça que a interdisciplinaridade, e quando possível até a transdisciplinaridade, é o melhor caminho para conhecer as coisas. Você se considera um pesquisador interdisciplinar, digamos assim, meio híbrido, em função da sua formação?

Francisco - No meio acadêmico, o discurso é muitas vezes inter ou transdisciplinar, mas sabemos que a prática é bem diferente.

A lógica da especialização dos saberes ainda é hegemônica e os cursos e

pensadores que transitam entre diferentes campos nem sempre são bem-vindos. Nas ciências humanas, ainda existem feudos que resistem ao diálogo, mas isso está mudando a passos lentos. Nas ciências médicas os passos são mais lentos ainda.

O discurso é sempre no sentido de estimular o diálogo entre os diferentes saberes, mas quando há alguma disputa em jogo, seja por poder político, cargos ou recursos, a coisa muda de figura...

Curiosamente, alguns setores das ciências duras, como a física ou a biologia, às vezes estão mais interessadas no diálogo com a arte ou com a filosofia. Existem trabalhos interessantes que conciliam a física com a música, o ensino de biologia a partir de games e vídeos, divulgação científica a partir de peças teatrais, discussões da bioética no cinema, etc. Atualmente desenvolvo uma pesquisa acerca do uso da arte no ensino de biociências no Instituto Oswaldo Cruz, que é um centro de pesquisa em biologia, com centenas de doutores que trabalham em pesquisa básica, de bancada, mas ao mesmo tempo é um espaço democrático que permite uma experimentação desse tipo.

Faço parte de um laboratório que reúne artistas e cientistas que criam novas ferramentas pedagógicas e estratégias de ensino no campo da saúde. Nós montamos um curso de especialização (que articula arte, filosofia, ciência, cultura e saúde) e formamos profissionais de saúde utilizando as linguagens do teatro, da

literatura, da música, da filosofia da ciência ou das ciências da saúde.

Essa pesquisa (que deu origem ao curso) é uma bela experiência iniciada há dez anos por uma cientista⁴ que coordena um dos mais importantes centros de pesquisa em biologia pura no país. Ou seja, existem setores da ciência que buscam um diálogo com outros saberes; há luz no fim do túnel...

Ceres – Como vc construiu esse espaço híbrido de linguagens no seu trabalho com cirurgias plásticas?

Francisco - Não vejo uma distinção tão rígida assim entre arte e ciência. Os produtos são diferentes, mas os processos criativos são bem parecidos. Ambas (arte e ciência) buscam soluções e respostas. Meios de entender a realidade... Ambas tentam descobrir / estabelecer princípios, modelos, parâmetros, modos de pensar... Tanto a arte quanto a ciência implicam treino e disciplina, como também utilizam intuição, imaginação e criatividade.

A pesquisa (tanto na arte quanto na ciência) intercala o racional e o intuitivo, o prático e o teórico, a ação e a reflexão. É comum pensar a ciência como produtora de conhecimento, ligada à razão, atuando de forma lógico-racional. Da mesma forma que é comum pensar a arte como lugar do sensível, da imaginação e da criatividade, ligada à emoção e liberdade de ação. Como se não houvesse padrões rígidos na arte e

liberdade de criação e imaginação na ciência.

A arte não contradiz a ciência, ela nos ajuda a perceber certos aspectos que a ciência não consegue perceber. Elas não são pares opostos, são complementares...

Ceres – Tive a oportunidade de assistir a uma palestra sua sobre ciência e arte, na disciplina Ciência, café e prosa, no PPGANS do INU-UERJ, e percebi que você faz articulações entre as duas. Fale um pouco sobre essa interface.

Francisco - Acredito que a Estética está invadindo o campo da saúde. Os cuidados com o corpo e com a “aparência” não são mais uma atividade frívola ou inocente, mera vaidade. Eles refletem tanto a produção social de sentidos e as formas de distinção social decorrentes do *habitus* do conjunto de atores e agentes da sociedade, como também espelham questões e conflitos oriundos do processo dinâmico dos profissionais do campo da saúde ou da medicina estética.

O desenvolvimento da biotecnociência, o crescimento dos mercados relativos às transformações corporais de natureza estética, a popularização das cirurgias plásticas e os problemas ocorridos nesse setor colocam a estetização da saúde (entendida aqui como a valorização de parâmetros estéticos como definidores das condições de saúde) e as tentativas de metamorfose corporal (por meio de cirurgias, implantes, próteses, tratamentos,

medicamentos, práticas esportivas, marcas corporais etc.) como novas questões de Saúde Pública a serem discutidas e enfrentadas.

A variedade de alterações corporais (corretivas ou estéticas) às quais o corpo está sujeito hoje, a ampliação do mercado ligado ao culto ao corpo e a valorização de parâmetros estéticos, como definidores das condições de saúde, nos colocam diante de diferentes questões na área da saúde que suscitam novas formas de entendimento.

É preciso incentivar o debate acerca dos sentidos dados socialmente ao corpo pelo conjunto da sociedade, compreender o papel da Estética nesse processo, analisar as motivações e interesses dos atores envolvidos (usuários e profissionais) e discutir as questões éticas decorrentes desse processo de “estetização” da saúde.

Podemos pensar também como as questões estéticas estão invadindo o campo da Nutrição e produzindo sentidos que são reproduzidos pela sociedade. Só para provocar, podemos perguntar aos alunos do curso de Nutrição: “o que vocês acham das revistas que ensinam a “comer bem” e a ter uma ‘vida saudável’? Nessas revistas, que relações vocês percebem entre alimentação, beleza e saúde? Qual é a finalidade de uma ‘alimentação saudável’?” Acho que só com as respostas a essas três perguntinhas já dá para começar uma pesquisa acerca dos valores estéticos presentes no campo da Nutrição. Provavelmente, ao analisarmos as falas dos alunos, vamos perceber um universo de sentidos muito interessante...

